

A VIDA DE FERNANDA

ILAN BRENMAN

© Annelaura Cantone



Resenha

Fernanda acorda todo dia de manhã, toma seu leite quente, escolhe que roupa usar. No carro do pai, a caminho do colégio, gosta sempre de ouvir música indiana. No fim da tarde, é a mãe quem costuma buscá-la na escola. Chegando em casa, a garota logo procura o pai para rodopiar no ar e dançar. Depois do banho, ela vai jantar e brinca mais um pouco antes de ir dormir... De tanto fazer e dizer todos os dias as mesmas coisas, nos mesmos horários, a vida de Fernanda chega a parecer um relógio, e tanta mania de repetição deixa seu pai intrigado.

Um dia a menina surpreende os pais ao declarar que não pretendia dormir, pois queria ver os bichos na fazenda, jogar bola, nadar na piscina, comer brigadeiro, ir ao teatro. A vontade súbita de fazer tudo o que não costumava fazer, porém, não durou muito, já que Fernanda logo caiu no sono: o suficiente para que seus pais se dessem conta de que os dias ao lado da filha podiam também ser imprevisíveis.

O delicado *A vida de Fernanda* é narrado do ponto de vista do pai da protagonista, que participa ativamente do cotidiano da filha e nos apresenta a estrutura da maior parte dos seus dias: mesmo as brincadeiras costumam ser as mesmas e acontecer nos mesmos horários. A pergunta do pai na página 13, "Por que será que criança gosta tanto de repetição!?", orienta o livro como



Coordenação:
Maria José Nóbrega

um todo e permanece sem resposta até o fim. É interessante observar que a única quebra desse cotidiano acontece na hora de dormir, momento de transição entre um dia e outro. É ao imaginar uma noite em claro que a garota expressa desejos de fazer coisas que estão fora de sua rotina, desejando expandir suas possibilidades de ação.

A pergunta que fica ao final do livro é: como cada um de nós lida com a dinâmica entre o cotidiano repetitivo e as exceções que abrem espaço para novos encontros e prazeres?

Depoimento

Por Pedro Felício,
ator, músico e pai

A vida de Helena não parece exatamente um relógio. O pai de Helena é um tanto desorganizado com o tempo, então as coisas saem dos horários com alguma frequência. No entanto, Helena se identificou muito com Fernanda.

Na primeiríssima página do livro, minha filha Helena já saiu queimando a largada: “Ela tem cabelo enrolado! Igual o meu!”.

“Mas ela tem um nariz grande, o seu é pequeno”, provocou o irmão mais velho de Helena. Viramos a página.

“Todo mundo tem nariz grande nesse livro, Miguel, até o cachorro!”

O mais velho correu dar uma espiada na página seguinte e se conformou, ainda que se gabando: “é mesmo, é o estilo da ilustração.”.

E que estilo! As personagens e os cenários repletos de colagens de AnnaLaura Cantone dão muita personalidade à publicação, dão vida e movimento, molduras quase mágicas a uma história cotidiana, simples, que pode ser vivida em qualquer casa com crianças.

Mas, enfim, a história seguiu, e Helena identificou-se muito mais com Fernanda. Abriu um grande sorriso e me olhou com cumplicidade, quando descobriu as brigas para escolher roupa, a música que



se repete infinitamente (embora a música de Helena não seja indiana), a dança com o pai, o “queria comer uma coisinha...”

Quando chegamos ao fim da leitura, a pequena duvidou de que a história tivesse acabado. Ela queria mais, queria saber como os pais resolviam esse tipo de problema, queria saber (juro que ela perguntou se isso não ia aparecer no livro) se os pais lavavam a louça e arrumavam a sala depois que a Fernanda dormia. Eu expliquei que não, que às vezes a criança – ela, por exemplo – dorme assim mesmo, no meio da negação do sono.

Quase todos os dias de Helena terminam como esse dia especial na vida de Fernanda... Tenho cerca de treze mil estratégias catalogadas para fazê-la dormir.

Assim que terminamos de ler, fechei o livro e fiz as crianças se deitarem em suas camas.

“Pai, quero água!”

“Sei, igual a Fernanda?”

“Não, quero de verdade.”

Trouxe um copo d’água para Helena, que bebeu, me devolveu, virou-se para o lado e balbuciou um boa-noite, antes de adormecer.

Tomara que dure.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas de suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: <www.bibliotecailanbrenman.com.br>.

Leia Mais

Do mesmo autor e série

- ✦ *A cicatriz*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A menina que amava futebol*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O estranho dia de Luísa*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Quero nascer de novo*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Tem um tigre no jardim*, de Lizzy Stewart. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Aqui, bem perto*, de Alexandre Rampazo. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Tantãs*, de Eva Furnari. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra.

